

CARTA ABERTA AOS PARTICIPANTES DO XII ENCONTRO BRASILEIRO

SOBRE O PENSAMENTO DE WINNICOTT.

Com os zéfiros Winnicottianos estávamos em Brasília, atraídos pelo tema: “O PODER E O SOFRIMENTO PSÍQUICO”. De uma certa forma, dávamos prosseguimento ao que havíamos assistido no encerramento do XI ENCONTRO em Porto Alegre : a apresentação da peça “VERDADES INVENTADAS”, de rara beleza estética e criativa, representada pelas nossas colegas dos pampas, magnificamente.

Desta vez, nosso ENCONTRO era na cidade de Brasília. Brasília, uma verdade inventada pelos arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer, a partir de um desejo do então presidente JK, um presidente simpático, risonho, original. JK, na intimidade “seu Nonô”, ou então o “Presidente Bossa Nova”.

Pela imensidão do cerrado do estado de Goiás, foram brotando enormes flores de concreto que saíam das mãos e dos braços fortes de nosso povo. Eram os candangos vindos em sua grande maioria, do Nordeste. Num trabalho frenético e veloz, iam colocando tijolo sobre tijolo. “Com os olhos embotados de cimento e lágrimas faziam subir as construções em desenhos mágicos”, na percepção de Chico Buarque.

Sobre os candangos, referindo-se à construção da cidade, declarou Oscar Niemeyer: “se não fossem eles, nada disso seria possível”. Palavras do nosso arquiteto mais premiado do mundo. Uma respeitosa reverência ao poder promotor da possibilidade da construção, diametralmente oposto ao poder gerador do sofrimento psíquico.

Niemeyer que com seus rabiscos colocava no papel a delicadeza poética da criação, revelando a constituição de sua subjetividade e seu potencial criativo. Assim, bem ao gosto de Winnicott quando nos apresentou a importância da teoria do rabisco para nossa prática clínica.

Fomos convidados para estar em Brasília, e junto aos nossos pares tentar entender o poder gerador do sofrimento psíquico e decifrar a antinomia entre os dois poderes: o que promove o sofrimento e o que possibilita a criação e/ou a criatividade. De pronto me ocorre a escritora Adriana Lisboa: “O abismo que esboça a queda, é também aquele onde se esconde a possibilidade do voo.”

Um simpático coquetel de confraternização nos aguardava em abraços e sorrisos. Novos encontros e reencontros coloriam os laços de novas e renovadas amizades. Prenunciava-se a abertura de nossa jornada de compartilhamentos, trocas, descobertas, e aprendizado. Foram três dias de trabalho intenso. Mini curso, artigos temáticos, mesas redondas, mesas ampliadas e conferências. As atividades se sucediam, ininterruptamente, pelas salas sempre repletas de participantes. A sonoridade dos aplausos ecoava pelos corredores. Cintilantes sinais de reconhecimento e gratidão pelo que estava sendo oferecido. Mérito aos colegas palestrantes, às plateias democraticamente participativas e à irrepreensível capacidade da Comissão Organizadora na escolha dos temas e na harmônica composição das

mesas. Um quebra cabeça de difícil montagem. O suave fluir das atividades referendava o sucesso da organização.

Pela magia dos avanços tecnológicos, tivemos, por vídeo conferência, contato com nossa colega Ana Leão que reside na Flórida. Estava ela no olho do furacão Irma e sua força avassaladora. É o poder da natureza causando medo, terror e sofrimento psíquico. Portanto, em perfeita sintonia com o tema do nosso Encontro. O assustador poder da natureza rebelando-se contra os maus tratos que a estupidez humana insiste em fazer com o meio ambiente. Pelas mãos de Winnicott aprendemos a importância de cuidar do ambiente para um desenvolvimento saudável.

Por aqui, a plangente realidade de nosso país nos avizinha. O Palácio da Alvorada, centro do poder, tem nos entristecido, decepcionado e preocupado com seus sucessivos escândalos. Cinismo, hipocrisia, melodiando a dança dos seus mendazes ocupantes. Mequetrefes profissionais no exercício da sordidez dos covardes. Um ambiente maculado por um mar de lamas com suas consequências dolorosas, desanimadoras e preocupantes. Uma espécie de advertência da chegada do “nosso” furacão. Renato Russo, carioca que abraçou Brasília como morada, preconizava: “Que país é esse?”.

Certamente não é essa Alvorada que gostaríamos. É feia, nos faz chorar de tristeza, promove dores, sofrimentos e dissabores. Fiquemos com a Alvorada do Cartola: “Alvorada lá no morro / que beleza / ninguém chora / não há tristeza / ninguém sente dissabor / o sol colorindo / é tão lindo / é tão lindo / e a natureza sorrindo / tingindo / tingindo.

Felizmente a arte é libertária. Não tem pretensão de ser poder. E sim de poder ser. Sendo assim, embarcamos na carona de Vinicius de Moraes: “Se todos os tristes estiverem juntos, a tristeza vai acabar.” Dito e feito. A carona nos levou ao Clube do Choro. Lá, nos juntamos ao magistral som da sanfona do gaúcho Samuca do Acordeão. Um bálsamo. Um espetáculo de indescritível beleza. Reacendemos a chama da esperança. Oscar Niemeyer nos alerta “A vida é um sopro”. Sopremos a brasa da esperança. O fogo da vida nos iluminará.

Nesse momento tão conturbado em que vivemos, podemos sentir que nossa nau encontra-se meio à deriva, num mar revolto. Nossos comandantes não nos inspiram confiança. Foi muito importante para nós, em nosso ENCONTRO o entendimento que estamos juntos, fazendo o nosso trabalho com aquilo que de melhor conseguimos ser. Gosto de pensar que não somos o que fazemos. Fazemos o que somos. Nos recomenda Winnicott: primeiro ser, depois fazer. Em Brasília ao compartilhar com nossos pares o que fazemos, tivemos a oportunidade de aprimorar o que somos. Continuemos assim nesse eterno vir a ser. A confiança que recebemos no acolhimento, reinaugura a esperança. Não aspiremos ser poder. Aspiremos poder ser. Sigamos em frente. Fiquemos com Fernando Pessoa: “O passado é uma rua onde passa quem me esqueceu.”

José Guedes